

DIÁLOGO DA PRÁTICA EDUCATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTEXTO E SABERES DA COMUNIDADE DE PESCADORES DE GOVERNADOR CELSO RAMOS-SANTA CATARINA-BRASIL

¹ Tânia Terezinha Inácio de Andrade

RESUMO

Este artigo é síntese do resultado de uma investigação sobre a prática educativa no ensino de Geografia do 5º ano e seu diálogo com o espaço sócio-histórico em comunidades de pescadores artesanais, em escola pública do município de Governador Celso Ramos-Santa Catarina, Brasil. Tem como objetivo compreender como a prática educativa no ensino de Geografia pode contemplar a diversidade do espaço sócio-histórico de comunidade de pescadores artesanais na perspectiva da interculturalidade crítica. Propõe o diálogo e a valorização da produção cultural de seus sujeitos para promover a construção de conhecimentos. Trata-se, do resultado, de uma pesquisa, de caráter etnográfico, com abordagem qualitativa e fundamentada nos princípios da Geografia crítica, a qual pressupõe tratar o indivíduo a partir da coletividade em que ele se formou como pessoa. No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, foi adotado o estudo de campo e bibliográfico, com o auxílio de entrevistas dos professores, dos pescadores, bem como de seus familiares. A partir das referências sobre interculturalidade, diálogo e Geografia crítica, da proposta pedagógica e do estudo de campo, analisa os conhecimentos apresentados na apostila didática e os desenvolvidos na prática educativa. Nessa perspectiva constatou-se: por parte dos professores da escola, o interesse em desenvolver atividades pedagógicas que aproximem a prática educativa do seu contexto; e, por parte da comunidade, a necessidade de valorização dos saberes desta. O estudo apresenta possibilidades de valorização do diálogo da prática educativa no ensino de Geografia com o contexto sociocultural dos pescadores artesanais e inserção deste, na proposta educativa da escola, a fim de promover a aprendizagem significativa. Além disso, oferece a reconstrução do Plano Pedagógico da escola, aproveitando ao máximo, o espaço sócio-histórico local para se chegar a outras culturas, na intenção de contribuir com a transformação de pessoas e da sociedade.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Prática educativa. Interculturalidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de trabalho investigativo, que resultou em uma dissertação onde a autora obteve o título de mestrado. Versa sobre a prática educativa no ensino de Geografia, traz o diálogo com o espaço sócio-histórico da comunidade de pescadores artesanais, foi motivado pela necessidade de promover a valorização dos saberes da comunidade a partir da inserção do contexto local na prática educativa do ensino de Geografia. Propomos a refletir sobre o fato de a escola ser o caminho para uma contribuição significativa à formação das pessoas e a melhoria da qualidade de vida da comunidade. Foi a partir desse sentimento de inclusão e pertencimento da comunidade, que começamos a pensar sobre a possibilidade de trazer um pouco da história e da vivência dos pescadores e de suas famílias para a dinâmica do

¹ Doutoranda do curso de doutorado em Educação da Universidade de la Empresa UDE Montevideú- Uruguai. taniaandrade@sed.sc.gov.br

processo de ensino e aprendizagem, a fim de propor o diálogo entre as práticas educativas no ensino de Geografia e o contexto do espaço sócio-histórico da comunidade. Perspectiva a interculturalidade crítica proposta por Candau; Moreira, (2014) que nos fazem refletir sobre as formas nas quais as diferenças são produzidas nos grupos da sociedade e nas relações de poder. Contribui para o desenvolvimento de uma prática pedagógica significativa às escolas de comunidades pesqueiras, por meio de discussões sobre a importância da aproximação da prática educativa no ensino de Geografia.

METODOLOGIA

Semelhante ao pescador, que tece sua rede com o olhar atento aos entrelaces de um fio, na esperança de que ela abarcará uma diversidade de animais marinhos para a manutenção do sustento de sua família, essa pesquisa foi produzida sobre o entrelace de olhares epistemológicos investigativos, na esperança de abarcar a diversidade cultural dos pescadores. Nossos olhares sempre nos faziam refletir sobre as hipóteses anteriormente levantadas, se a prática educativa no ensino de Geografia poderia dialogar com o espaço sócio-histórico da comunidade e se os conhecimentos referentes ao ensino de Geografia do 5º ano poderiam ser relacionados com o espaço sócio-histórico dos pescadores na prática educativa. Enquanto observávamos o jeito que os nós da rede do pescador se articulavam entre si observávamos a rotina dos pescadores, bem como suas duas redes. A primeira, que ele lança ao mar para abarcar sua pescaria; a segunda constituída por fios dos saberes que aprendeu com o mar, com a praia e com o seu povo, e refletíamos sobre a pergunta: Como as práticas educativas no ensino de geografia dialogam com o contexto sócio – histórico dos alunos de comunidades de pescadores artesanais? Para nos aproximar das repostas realizamos pesquisa bibliográfica nas áreas da Sociologia, Antropologia e Pedagogia que entrelaçaram na construção de estudo, que colocam o homem no centro da relação com o seu espaço e sua história, numa perspectiva crítica. As entrevistas com professores, pescadores e seus familiares foram gravadas e todos os participantes assinaram o termo de consentimento esclarecido. Esses dados coletados foram contribuições fundamentais para a conclusão da investigação. O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário de Brusque em junho de 2017. A observação sistemática nos proporcionou ficarmos atentos aos aspectos do espaço sócio-histórico das comunidades pesquisadas, bem como ao desenvolvimento da pesca artesanal e à relação homem com seu ambiente. Analisamos documentos históricos, as paisagens da cidade

e livro didático. A análise de dados foi dividida nas categorias: -Diálogo da prática docente.; - Apostila didática na prática docente; - Espaços sócios – históricos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A interculturalidade permite repensar a prática educativa, em que a igualdade de direitos à educação, não deve ser vista somente no acesso à escola, mas a um currículo que oportunize expressivas mudanças, para promover igualdade social e aprendizagem. É importante trazer a diversidade do saber popular para o diálogo na prática educativa no ensino no sentido de contextualizar os conhecimentos de seu ensino perspectivando a interculturalidade. O currículo pós-crítico permeia a interculturalidade, visa contribuir com a construção de uma sociedade democrática, justa e inclusiva em que seus cidadãos tenham princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários. Contribui com as transformações do contexto social e deseja que as pessoas tenham mais autonomia com responsabilidade e respeito com o outro e com o meio ambiente. Incorpora a concepção da diversidade como princípio formativo, prioriza os temas e conceitos que envolvem a interculturalidade, direcionados para a construção da cidadania local e global, atitudes e valores que articulados possibilitam uma formação humana integral. A cultura não é definida por qualquer critério estético ou filosófico. A cultura é simplesmente o resultado de qualquer trabalho humano. Nesse sentido faz mais sentido falar não em “cultura”, mas em “culturas”. [...] Essa ampliação do que constitui cultura permite que se veja a chamada “cultura popular” como um conhecimento que legitimamente deve fazer parte do currículo (Silva, 2015, p.61-62). O currículo pós-crítico perspectiva a interculturalidade entrelaçando os fios da diferença de gênero, de etnia, de sexualidade e de cultura, dando os nós por meio do diálogo em sala de aula. Promove visibilidade aos grupos de comunidades economicamente e culturalmente às margens da sociedade. Suas práticas pedagógicas relacionam os conteúdos ditos escolares com os saberes do contexto em que a escola está inserida. Então é importante conceber a sala de aula como uma rede em que seus fios dão os nós entre os conhecimentos escolares com o contexto dos reais sujeitos que fazem sua história no espaço da comunidade escolar.

A prática educativa, [...] transforma o conhecimento em disciplina e converte o saber em matéria morta [...] a Geografia escolar poderia ter avançado alguns bons passos, mas ao que parece, incorporou esse modelo de escolarização e ainda mantém uma certa distância das realidades cotidianas, por mais que se esforce em incorporá-las (MOREIRA; CANDAU, 2014, p.165).

A Geografia crítica apresenta possibilidades para que o ensino se aproxime do contexto de seus alunos, percebe na prática educativa espaço de trocas de experiências do cotidiano dos alunos promovendo o diálogo entre os sujeitos através de debates e questionamentos. Valoriza a produção cultural dos sujeitos apresentando mais possibilidades para a escola desafiar a prática educativa e alcançar mais êxito. Colabora com a formação de alunos com consciência política, ética e social. Alunos que além de conhecer os conceitos de Geografia compreendam como o espaço são produzidos, os conhecimentos agregados nele e toda as relações sociais envolvidas. A interculturalidade crítica fortalece a construção de identidades dinâmicas, abertas e plurais, assim como questiona uma visão essencializadora de sua constituição. Potencializa os processos de empoderamento, principalmente de sujeitos e atores inferiorizados e subalternizados e a construção da autonomia num horizonte de emancipação social (Candau, 2014, p.32). O diálogo tem o poder na voz, voz que opina que critica e que discute problemas para possíveis soluções. É por meio da comunicação que a democracia se estabelece. No diálogo há as divergências de posicionamentos que permitem que as diferenças se completem e as pessoas se respeitem e se aceitem. Dessa forma temos mais oportunidades de viver nossas histórias e de mudar para viver outras histórias possíveis. Ao trazer Paulo Freire para este estudo, queremos que a prática no ensino de Geografia fique mais próxima da realidade dos alunos e de sua comunidade, Freire (1996) diz que precisamos pensar a prática educativa com foco no diálogo. O diálogo vai contribuir para integrar as pessoas em um processo tecido nas contradições que precisam ser discutidas, em seu espaço local e que vão permitir mudanças em seu espaço global.

a abertura respeitosa aos outros e, de quando em voz, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. (FREIRE, 1996, p.135-136)

Freire (1996) diz que precisamos pensar a prática educativa com foco no diálogo. O diálogo vai contribuir para integrar as pessoas em um processo tecido nas contradições que precisam ser discutidas, em seu espaço local e que vão permitir mudanças em seu espaço global.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebemos nas falas das professoras que há certa preocupação em manter uma aproximação entre os conhecimentos de Geografia com a realidade de seus alunos, bem com o que eles aprenderam anteriormente. Identificamos que ocorreu algumas relações do novo conhecimento apresentado ao aluno. No entanto o diálogo, aproximações de seus saberes, suas vivências, sobre o espaço de sua família e/ou comunidade não acontecem. As observações nos permitem dizer que a prática no ensino de Geografia não se aproxima com o contexto sócio-histórico dos alunos. Porém os professores nos apresentaram indícios de que almejam estreitar as suas práticas com os saberes e contexto de seus alunos. Identificamos temas apontados na apostila didática sobre o meio ambiente, relações entre os seres vivos e os ambientes se relacionam com os saberes da comunidade, pois, os pescadores possuem uma relação bem estreita com o meio ambiente, seu trabalho e seu cotidiano estão sempre em contato direto com a natureza. Conforme análise nas apostilas de Geografia, seus conteúdos podem contribuir para a prática educativa no ensino de Geografia promover momentos de reflexão sobre o futuro dos nossos recursos naturais. Os conhecimentos referentes ao ensino de Geografia do 5º ano podem ser relacionados com o espaço-histórico dos pescadores para contribuir uma prática educativa contextualizada. O pescador artesanal possui um ritmo de vida sintonizado com o seu ambiente natural, mesmo inseridos neste ritmo da sociedade contemporânea, eles ainda são capazes de perceber e viver o tempo natural a partir das estações do ano, das modificações ocorridas no clima, na vegetação e no comportamento animal; conseguem medir o tempo ao observarem a posição do Sol e os níveis da maré, relacionam as fases da Lua com o tempo de sair para a pesca. Esses saberes podem ser relacionados com os conhecimentos da apostila didática de Geografia: Os conteúdos nas apostilas relacionados com a história da comunidade, pois a história de sua formação teve forte contribuição de indígenas, africanos, imigrantes alemães e portugueses. Elementos que evidenciam a presença de todas essas culturas na cidade. A prática educativa pode entrelaçar esses saberes colocando o aluno como sujeito de vivências construídas pelos arranjos físicos, culturais e históricos, os quais se agregam à sua individualidade e à sua coletividade, e que se multipliquem nas relações com o outro. Concluimos que as saídas de estudos podem ser inseridas na prática educativa no ensino de Geografia. Uma estratégia que além de promover o diálogo com os saberes dos seus sujeitos aproveita e valoriza pedagogicamente os espaços das comunidades. Para a hipótese “se a prática educativa no ensino de Geografia poderia dialogar com o espaço sócio-histórico da comunidade”. Constatamos a partir das respostas apresentadas, constatamos que a prática

educativa no ensino de Geografia não dialoga com os saberes e contexto dos professores. Para a hipótese, “se os conhecimentos referentes ao ensino de Geografia poderiam ser relacionados com o espaço sócio-histórico dos pescadores na prática educativa. “ Fizemos questionamentos para as professoras e pescadores, bem como observações de campo constatarmos que esta hipótese é verdadeira, pelas respostas das perguntas: Que atividades e deveres de casa a escola deveriam propor para aproximar-se do cotidiano dos pescadores artesanais? Que paisagens da sua comunidade podem ser usadas no livro de geografia? Que conhecimentos os pescadores artesanais poderiam compartilhar com suas crianças para contribuir com as aulas de geografia? O que você aprendeu com seus pais e/ou avós para “se bem viver” que não se ensina na escola? Quais conhecimentos (valores, atitudes, crenças) que você aprendeu por ter convivido em família de comunidade de pescadores? Concluímos que todos os conteúdos da apostila didática se relacionam com imagens que podem ser captadas do espaço sócio-histórico dos pescadores para contribuir com a prática educativa no ensino de Geografia. As apostilas podem contemplar os espaços sócio-históricos das comunidades com elementos constituídos de significados para melhor propor o diálogo no ensino de Geografia com o contexto de suas comunidades. A prática educativa do Ensino de Geografia deve fazer deste privilégio em ter a escola tão perto de um local rico em recursos naturais, de patrimônio imaterial e material, um espaço de aprendizagens significativas. Deve incorporar uma comunicação que promova as interações sociais produzidas em suas práticas educativas. O ensino de Geografia do 5º ano do EF tem como objeto de estudo espaço e território, portanto o ensino de geografia está atento aos assuntos relacionados a relação dos pescadores com seu espaço e território, para entrelaçar reflexões e discussões sobre a preservação deste espaço trazendo para aulas temas referentes sobre as restrição e legislação de pesca para determinados períodos, tipo de barco e rede. A prática educativa no ensino de geografia que não contempla o saber presente no povo de sua comunidade distancia de seus alunos, deixa de apresentar elementos da evolução histórica dos meios de transportes, comunicação e informação. Não proporciona discussões em torno da relação da sociedade e natureza na dinâmica do seu cotidiano e na paisagem local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O diálogo que propomos entre a prática educativa no ensino de Geografia do 5º ano da EEBMMAC e a sua comunidade pode contribuir com 40 municípios pertencentes ao Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina. Os resultados desta pesquisa podem atingir um contingente grande de pessoas que moram nessas comunidades, contribuindo

significativamente para a emancipação dos sujeitos envolvidos. Ressaltamos que este trabalho contribui para a melhoria da qualidade a prática educativa no ensino de Geografia do 5º ano, pois perspectiva a discussão de uma concepção de interculturalidade crítica no ensino de Geografia que traz os múltiplos saberes das pessoas para o centro do diálogo.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Educação Intercultural: entre afirmações e desafios, p. 23-41. In MOREIRA, Antônio Flavio (Org.) **Currículos, disciplinares escolares e culturas**. Petrópolis: Vozes, 2014.357 p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **Saberes necessários à prática educativa**. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa. O campo do currículo no Brasil: os anos noventa. In: CANDAU, Vera Maria (Org). **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: **Uma introdução às teorias do currículo**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2015